



Inclusão em movimento: uma parceria IFES e Associação Pestalozzi de Santa Teresa/ES

Kátia Silene Zorthêa¹, Eduardo France Oza², João Luis Frizzera Jr.³, Millena Monteiro dos Santos⁴ e Lusinério Prezotti⁵; Paula Alberti Bonadiman⁶

¹ Bacharel em Pedagogia, mestre em Educação (UFMT) e Professora– Ifes Campus Santa Teresa. E-mail: katiasz@ifes.edu.br; ² Graduando em Agronomia pelo IFES Campus Santa Teresa, E-mail: eduardo.france@hotmail.com; ³ Graduando em Agronomia pelo IFES Campus Santa Teresa. E-mail: juninho.frizzera@msn.com; ⁴ Graduanda em Agronomia pelo IFES Campus Santa Teresa. E-mail: millena_monteiro@hotmail.com; ⁵ Bacharel em Agronomia, DSC em Entomologia pela USP e Professor do IFES Campus Santa Teresa. E-mail: lusinerio@gmail.com; ⁶ Graduanda em Agronomia e membros do NEA – Ifes Campus Santa Teresa;

Resumo: Objetivou-se elaborar, por meio de oficinas e ações de interação entre usuários da Associação Pestalozzi de Santa Teresa, o Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA-ARANDU) e alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes *campus* Santa Teresa, atividades de promoção da educação inclusiva, considerando o desafio de transformar a escola num espaço de convivência, cooperação e acolhimento à diversidade. As oficinas abordaram aspectos e práticas relacionados à vida no solo, utilizando como ferramentas pedagógicas teatros, fantoches, paródias entre outros, culminando na construção de um viveiro de mudas da mata atlântica, onde os usuários compreenderam a importância do solo vivo para a reabilitação de áreas degradadas. A metodologia se mostrou eficiente, pois possibilitou a compreensão de todo o processo, ampliando o conhecimento sobre os Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia, integrados às dimensões da sustentabilidade agroecológica.

Palavras-chave: educação especial; diversidade; inclusão escolar.

1. Introdução

Educar para a diversidade não significa apenas reconhecer a diferença, mas construir caminhos possíveis para o seu convívio democrático. Para tanto, é preciso possibilitar a construção de conhecimentos necessários para interagir com pessoas de diferentes contextos sociais e culturais, a fim de garantir a participação e a aprendizagem de todos e de cada um. No contexto atual, ampliou-se não



somente o número de alunos nas escolas, mas fundamentalmente, a convivência com as mais variadas formas de diversidade social. Tal contexto tem forçado as escolas a se reinventarem, no sentido da busca por novos valores, modos de ensino e aprendizagem e de convívio que propiciem uma inclusão de fato, ou seja, um ambiente escolar no qual todos possam ter suas diferentes necessidades e anseios atendidos de forma justa e equitativa.

Desde 2008, a partir da divulgação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o debate sobre a inclusão de pessoas com deficiências e transtornos nas salas de ensino regular tem se intensificado. No IFES Campus Santa Teresa este tema tem sido alvo de reflexão em espaços variados. A experiência ora apresentada buscou articular ações envolvendo o IFES Campus Santa Teresa, através dos alunos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (componente curricular “Diversidade e Educação”), participantes do Núcleo de Estudos em Agroecologia de Santa Teresa/ES (NEA-ARANDU) e a Associação Pestalozzi de Santa Teresa, com o intuito de ampliar as possibilidades e experiências sobre a temática da inclusão escolar.

O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas teve início em 2010 e desde então vem tratando da temática da inclusão escolar de pessoas com necessidades específicas. O componente curricular “Diversidade e Educação”, oferecido anualmente, aborda diferentes manifestações da diversidade, entre elas, a educação especial que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996, deve atender alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades.

O NEA-ARANDU, por sua vez, tem permitido a construção de um espaço alternativo de ensino, pesquisa e extensão, onde é possível pensar no desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e inclusiva. São desenvolvidas ações junto às diferentes instituições envolvidas com o movimento agroecológico. No entanto, novos desafios necessitam ser assumidos, principalmente em áreas ainda não trabalhadas pelo Núcleo, como é o caso da construção do conhecimento agroecológico com pessoas que apresentam necessidades educacionais especiais.

Já a Associação Pestalozzi de Santa Teresa tem por missão a promoção, execução e o apoio a ações que contribuam para a inclusão da pessoa com deficiência. Uma das ações desenvolvidas pela



instituição é o Projeto “Pestalozzi Cidadã”, que tem objetivos variados, entre eles a produção de mudas de espécies nativas da Mata Atlântica em embalagem de TetraPak® reutilizadas, para posterior plantio em matas ciliares degradadas da região. Neste sentido, a parceria entre IFES e Pestalozzi acontece no intuito de fortalecer o projeto citado e construir um espaço de reflexão sobre a temática da Diversidade Social e Inclusão Escolar, assumindo o desafio de transformar a escola num espaço de convivência, cooperação e acolhimento à diversidade.

2. Descrição e reflexões sobre a experiência

Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2016 foram desenvolvidas duas etapas de interações pedagógicas na Associação Pestalozzi, sendo a segunda etapa dividida em quatro diferentes oficinas, conforme descrito a seguir:

2.1. Etapa 1 - Apresentação da proposta de trabalho através de dinâmica lúdica de integração

A apresentação da proposta de trabalho foi realizada no auditório da Instituição por meio de uma apresentação teatral simples, mas muito lúdica, de modo a alcançar a atenção dos usuários. A história abordava a importância da vida no solo, a relação entre o solo e os seres humanos (com enfoque nos agricultores), a ação humana como causadora de impactos negativos na vida dos seres vivos que dependem do solo para sobreviver, e o cuidado e proteção com o meio ambiente. Os personagens escolhidos foram: árvore, flor, cogumelo, formiga, abelha, borboleta, onça, um agricultor e família (esposa e filha) e um “homem malvado”.

Duas músicas foram escolhidas para animar o teatro e ao final os usuários puderam dançar ao som de violão, favorecendo a interação com a equipe do projeto. A apresentação da proposta, por meio do teatro, foi o primeiro contato entre os usuários e os alunos participantes do projeto e, portanto, havia muita expectativa de ambas as partes em relação a esse momento. Os alunos relataram inclusive uma sensação de “medo” de não saber como agir diante dos usuários da Pestalozzi: “Talvez o medo tenha sido pelo preconceito criado na sociedade em relação ao diferente, mas meu medo se desfez nesse



encontro e vivi a partir desse dia uma das experiências mais emocionantes da minha vida”.

Considerou-se que o objetivo desse primeiro encontro foi cumprido com êxito, já que os usuários interagiram com os personagens demonstrando terem compreendido a proposta do projeto e os alunos da equipe venceram o paradigma da dificuldade de se promover ações que efetivamente se revertam em construção do conhecimento para pessoas com necessidades específicas.

2.2. Etapa 2 – Oficinas de construção do conhecimento agroecológico visando a produção de mudas nativas da Mata Atlântica para recuperação de áreas degradadas

As oficinas consistiram de apresentações técnicas conduzidas pela equipe do NEA e convidados, realizadas por meio de metodologias diferenciadas como roda de conversa com especialista e peças teatrais. Para avaliar o alcance do objetivo, após cada oficina foi realizada uma atividade pedagógica individualizada com os usuários em que os alunos puderam perceber o nível de apropriação do conhecimento de cada um, de acordo com a sua especificidade.

- Oficina 1: A vida no Solo

O objetivo pré-definido desta oficina foi evidenciar a importância do solo para os seres vivos, destacando as plantas, e exemplificar alguns dos organismos que vivem nele. As perguntas orientadoras da oficina foram: Quais são os organismos que vivem no solo? Do que vivem? Como trabalham? O que mata a vida no solo? O que dá vida ao solo? Como reconhecer a vida no solo? Para fazer a explanação sobre o assunto foi convidado o Técnico de laboratório de solos do IFES, Elvis Pantaleão Ferreira (Mestre em Engenharia Ambiental), que apresentou a diferença de um solo vivo e fértil para um solo pobre e sem vida, utilizando materiais biológicos que podiam ser tocados, proporcionando uma forma de aprendizado mais prática e próxima da realidade.

Como atividade pedagógica posterior à apresentação, foi utilizado massa de modelar para que os usuários preenchessem desenhos relacionados ao tema e ao longo da atividade os alunos da equipe atuaram como facilitadores e observadores do processo. Foi possível detectar que houve apropriação de conhecimento por parte dos usuários, mas em níveis diferenciados de acordo com sua especificidade.



Isso foi marcante principalmente para os alunos de licenciatura pois revelou que o planejamento da atividade foi pensado sob a perspectiva de como nós aprendemos e nos expressamos. Entretanto, somos todos diferentes e aprendemos de maneiras diferentes e precisamos saber entender e atender da melhor forma possível às peculiaridades de cada um. Assim, houve o entendimento de que metodologias pedagógicas generalistas podem exaltar diferenças e limitações desfavorecendo o processo de inclusão.

- Oficina 2: Minhocário

Nesta oficina objetivou-se destacar a importância das minhocas na manutenção de solos férteis a partir da produção de húmus. Algumas curiosidades também foram trabalhadas como: Qual o tempo de vida de uma minhoca? Como ela se reproduz? Quantos ovos elas põem? Quantos corações elas possuem? Como elas respiram? O que elas comem? A metodologia utilizada foi um teatro-oficina intitulado “Entrevistando o Dorminhoco”, escrito e interpretado pelos alunos membros do NEA. As perguntas eram realizadas pelos usuários e dirigidas ao personagem “Dorminhoco” que após esclarecer todas as dúvidas e curiosidades, ensinou os usuários a construir minhocários ou “fazendinhas de minhocas” com o apoio dos demais membros da equipe.

Os usuários foram divididos por afinidade em pequenos grupos, para que os mesmos pudessem participar da construção de sua própria “fazendinha de minhoca”, todos os grupos eram orientados por, pelo menos, um aluno e cada procedimento da construção das fazendinhas ocorreu de forma muito interativa, fixando os assuntos abordados durante a “entrevista com o dorminhoco”. No final, foram construídos sete minhocários. A escolha do teatro-oficina como instrumento de ensino facilitou e potencializou a compreensão dos usuários que interagiram com o personagem e aprenderam brincando.

Como atividade pedagógica posterior foram disponibilizadas várias imagens de materiais orgânicos e não-orgânicos para que os usuários depositassem em duas caixas que representavam respectivamente uma lixeira e um minhocário. Os usuários, em sua maioria demonstraram entendimento em relação ao tipo de material que serviria como alimento para as minhocas e que possibilitariam a produção de húmus. Essa oficina foi a que mais despertou interesse por parte dos usuários e o nível de envolvimento e assimilação do conteúdo trabalhado foi surpreendente, havendo



relato de pais e de professores de que um número significativo de usuários demonstrou capacidade de relatar e repetir na prática as atividades desenvolvidas na oficina.

- Oficina 3: Compostagem

A oficina de compostagem teve por objetivo destacar a importância da matéria orgânica para a melhoria da estrutura, da fertilidade e para a manutenção da vida no solo. Durante o planejamento dessa oficina, pelo NEA-ARANDU, foi discutida a necessidade de demonstrar a relação de interdependência entre a matéria orgânica e os microrganismos decompositores e de como é possível favorecer essa associação por meio da compostagem. O desafio era o de como apresentar organismos microscópios e fazer os usuários entenderem a sua função no processo de ciclagem da matéria orgânica.

Optou-se, então, por realizar um teatro de fantoches e trabalhar novamente com personagens que pudessem dialogar com os usuários de forma lúdica, já que essa metodologia havia sido utilizada com êxito na oficina anterior. Considerando a relação de afeição demonstrada pelos usuários com o personagem “Dorminhoco” (na oficina sobre minhocário), utilizou-se o referido personagem como facilitador do diálogo entre eles e os dois novos personagens criados: o fungo “Resmungo” e a bactéria “Terinha”. A interação com os novos personagens foi muito proveitosa e após o diálogo, os usuários exercitaram na prática o preparo de uma compostagem.

Como atividade pedagógica associada à oficina os usuários realizaram atividades diversificadas e na medida do possível em conformidade com o desenvolvimento cognitivo demonstrado ao longo do projeto. Dentre as ferramentas utilizadas cita-se a montagem de quebra-cabeças, jogo de memória com figuras de materiais que podem ser utilizados no processo de compostagem, pinturas, atividades com cartolina, dentre outras. Para os alunos com paralisia cerebral foram construídas pranchas de comunicação, que potencializaram o diálogo entre os participantes.

- Oficina 4: Produção de espécies de mudas nativas da Mata Atlântica

A Mata Atlântica é uma das regiões mais ricas do mundo em biodiversidade e hoje é



considerada um dos biomas mais ameaçados do planeta, contando com no máximo 8,5% de suas florestas originais. Esta oficina foi planejada para reafirmar a importância das ações realizadas nas oficinas anteriores para a produção de mudas com a qualidade necessária para a recomposição das áreas de proteção ambiental e a recuperação de áreas degradadas. Essa ação reforçou o Projeto “Pestalozzi Cidadã”, que já vinha sendo conduzido na Instituição com esse mesmo objetivo, mas agora com o diferencial de que os usuários participaram de todo o processo de formação das mudas, desde a produção dos insumos orgânicos necessários a nutrição das plantas.

A equipe do projeto se organizou previamente para a obtenção de embalagens de leite longa vida em número suficiente e já lavadas e perfuradas para serem preenchidas com o substrato necessário ao plantio das sementes. O substrato foi preparado junto com os usuários e constou de terra de barranco misturada com composto orgânico e húmus de minhoca produzidos nos minhocários por eles mesmos construídos, insumos com os quais eles já estavam familiarizados em função das oficinas anteriores. O enchimento das embalagens, bem como o plantio das sementes foi feito pelos usuários com o apoio da equipe do projeto e de alunos voluntários que se dispuseram a ajudar nessa última etapa. Em seguida as embalagens foram dispostas em um viveiro anteriormente preparado com cobertura de sombrite e devidamente irrigadas.

As sementes das vinte e três espécies nativas semeadas nessa etapa, foram doadas tanto pela Mata Agroflorestal, empresa local de produção de mudas da Mata Atlântica certificadas com selo orgânico, quanto pelo IFES. Além disso, foram doadas mudas pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper). Essa oficina estabeleceu o encerramento do projeto e foi marcada por momentos de muita emoção em função de homenagens preparadas pelos usuários em agradecimento à equipe do projeto. Dentre essas homenagens merece destaque um teatro apresentado por alguns dos usuários mais jovens para demonstrar como eles tinham conseguido se apropriar do conhecimento construído durante o desenvolvimento do projeto. A gratidão foi um sentimento mútuo que marcou intensamente essa experiência vivenciada pelas entidades que se comprometeram com a realização do projeto.



3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

Os Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia, definidos no 1º Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (2013): vida, diversidade, complexidade e transformação, evidenciaram parâmetros fundamentais para o desenvolvimento do Projeto, os princípios da vida e da diversidade se contrapõem às concepções excludentes e homogeneizadoras, vivenciadas em vários espaços sociais, inclusive nas escolas. Esses princípios nos ensinam que a natureza é o local onde se reproduzem e se realizam diferentes formas de vida, inclusive a dos seres humanos. A diversidade da vida - inter e intra espécies - deve ser vista e valorizada em suas diferentes e valiosas manifestações. Na experiência com a Pestalozzi foi possível observar que o desafio de nos formar requer o desenvolvimento de análises da realidade que valorizam os diferentes conhecimentos e formas de expressão. Nesta rede de aprendizagem, formada por diferentes instituições, é possível religar saberes e desenvolver ações coletivas que articulam ensino, pesquisa e extensão.

Os Princípios da Complexidade e Transformação buscam o desenvolvimento de um pensamento complexo, fugindo da fragmentação, colocando em prática uma perspectiva transdisciplinar. Dessa forma a educação deve ser tomada como uma ferramenta de conscientização e libertação, formando pessoas críticas e criativas, com capacidades para compreender e atuar com autonomia para a promoção da vida e da sustentabilidade. (AGUIAR et al., 2013). Assim, um grande desafio colocado por essa experiência foi identificar como a realidade complexa e multidimensional pode ser assimilada pelos usuários da Pestalozzi? Quais conceitos agroecológicos eram internalizados por cada um deles? Era necessário criar ferramentas pedagógicas diferenciadas e adequadas ao desenvolvimento dos conceitos, suas relações e interações. A questão era como nós encaramos o desafio de entender as diferenças e complexidades de cada ser humano e aprofundar as formas de ensinar e aprender, construindo relações horizontais entre educandos/as e educadores/as.



O tema social da agroecologia, superando as fronteiras disciplinares, possibilita uma visão mais significativa do conhecimento e da vida, resgatando as relações existentes entre os conhecimentos. Assim, garantir a participação e a aprendizagem de cada usuário da Pestalozzi sobre as temáticas agroecológicas, era ao mesmo tempo a garantia de um espaço de reflexão e formação sobre a temática da diversidade e da inclusão escolar para todos os participantes do Projeto. Aplicada ao processo ensino-aprendizagem, a temática agroecológica faz do aprender uma atividade prazerosa à medida em que resgata o sentido do conhecimento. Esse é o desafio que se coloca na construção de uma prática inclusiva.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. A educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão (DUTRA, et al., 2008).

Os Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia, aliados ao conceito de transdisciplinaridade e à perspectiva da Inclusão Escolar, ampliaram nossa reflexão sobre o conceito de diferença em contraponto ao de deficiência. Na sistematização dessa experiência educativa aprendemos que educar para a diversidade não significa apenas reconhecer a diferença, mas construir caminhos possíveis para o seu convívio democrático.

4. Considerações finais

Nesta experiência, atraída pela temática da Inclusão Escolar, os conceitos vinculados a agroecologia foram desenvolvidos através de estratégias pedagógicas que dinamizaram as interações entre os envolvidos: “a vida no solo”; “minhocário”; “compostagem” e “plantio de mudas”. Em cada oficina aconteciam aprendizagens em várias direções, de forma transdisciplinar, religando saberes. A formação de pessoas críticas e criativas, com capacidades para compreender e atuar na promoção da



vida e da sustentabilidade do planeta, é um ensinamento da Educação em Agroecologia fundamental para a Educação Inclusiva.

Referências

AGUIAR, M.V.A. et al. (Orgs.). *I Seminário nacional de Educação em Agroecologia: construindo princípios e diretrizes*. Associação Brasileira de Agroecologia, 2013. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/20800/12191>>. Acesso em 29/set/2016.

DUTRA, C. P et al. (Orgs.). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. In: *Inclusão: Revista de Educação Especial*, v. 4, n.1, p. 7-17. Jan/Jun 2008.

MANTOAN, M. T. E. *O direito à diferença nas escolas – questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências*, 2012. Disponível em: <[http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/o-direito-a-diferenca-nas-escolas-2013-questoes-sobre-a-inclusao-escolar-de-pessoas-com-e-sem-deficiencias/](http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/ acessibilidade-e-inclusao/textos/o-direito-a-diferenca-nas-escolas-2013-questoes-sobre-a-inclusao-escolar-de-pessoas-com-e-sem-deficiencias/)>. Acesso em: 15/mai/2014.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: o paradigma do século 21*. In: *Inclusão – Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial*. v.1, n.1, out./2005. p. 19-23.

ANEXOS



Figura 1. Personagens da peça teatral utilizada para apresentar a proposta do projeto aos usuários da Associação Pestalozzi.

Fonte: Elaborada pelos autores.



Figura 2. Usuários da Associação Pestalozzi participando da confecção de um minhocário juntamente com o personagem “Dorminhoco”.

Fonte: Elaborada pelos autores.



Figura 3. Enchimento das caixas de leite longa vida com substrato na oficina de confecção das mudas de espécies nativas da Mata Atlântica pelos usuários da Associação Pestalozzi.

Fonte: Elaborada pelos autores.



Figura 4. Personagem “Dorminhoco” criado pelos alunos do NEA para apresentação da oficina sobre minhocário oferecida aos usuários da Associação Pestalozzi.

Fonte: Elaborada pelos autores.